



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A RELEVÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL PARA DAR VOZ AOS SUJEITOS EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA OFICIAL.

Autor: Afrânio de Medeiros Nóbrega

Mestrando em História pela (PPGH-UFCG)

email. afranio.carla.300@hotmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva discutir e analisar a produção de novas narrativas historiográficas, capaz de conformar uma história política e social por meio da história oral, resgatando e valorizando as memórias de sujeitos anônimas e esquecidas pela historiografia oficial. Desde os tempos mais longínquos, quando os gregos começaram a observar e a investigar fatos passados, até por volta de meados do século XX, a forma que prevaleceu de narrativa histórica foi aquela que privilegiava os feitos dos “grandes homens”, dos “Heróis”, denominada de história política tradicional. A partir dos anos 1970, esta história política foi renovada e reformada, surgindo novos métodos de abordagem, como através da representação simbólica. Com isso, o olhar historiográfico saiu da elite e foi para o meio do povo. Houve também a revalorização de uma análise que privilegia o qualitativo e o resgate das experiências individuais. Com isso, as fontes orais assumiu papel importante nos estudos da história oral e da história do tempo presente, ligadas a temas mais contemporâneos. Assim, a pesquisa através da oralidade se constitui como novas abordagens, novas fontes, os relatos orais oportuna no diálogo com pessoas, levando a percepção da história de vida e das memórias de sujeitos anônimas e esquecidas pela historiografia oficial. Oportuniza a validação de um senso comum, na medida em que coleta depoimentos e dá espaço para as representações sociais. Trabalhar com história oral é adentrar em um mundo de variáveis representações e o historiador deve manter o compromisso de torna-se participante no processo de rememoração. A princípio, recorrer as fontes orais significava mergulhar nas mais puras fantasias, pois as narrativas estavam passivas de mudanças no inconsciente das pessoas, pelas quais se deixavam levar pelo





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

saudosismo desfigurando a realidade histórica. No entanto, com as mudanças ocorridas na produção historiográfica a partir de 1980, possibilitaram aos historiadores enxergar o passado a partir de novas lentes de visualização e isso ocasionando em novas perguntas para (ré)interpretar o passado. A partir daí surge novos procedimentos metodológicos que assinalam novas formas de se trabalhar a História como Ciência. É nesta crise de paradigma de explicação que a história oral ganha terreno e sua relevância se revela ao dar voz aos excluídos.

Palavras-chave: História Oral, memória, visibilidade e dizibilidade.

Este artigo objetiva apresentar a relevância da História Oral como fonte e metodologia de pesquisa que propõe ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela, dando portanto, visibilidade e dizibilidade aos excluídos da sociedade.

Nesse sentido o nosso trabalho torna-se relevante a medida que buscamos construir novas narrativas historiográficas, capaz de conformar uma história política e social por meio da história oral. Assim, a pesquisa através da oralidade se constitui como novas abordagens, novas fontes – os relatos orais oportuna no diálogo com pessoas, levando a percepção da história de vida e das memórias de sujeitos anônimas e esquecidas pela historiografia oficial.

As narrativas pessoais são resultados de um trabalho rememorativo feito a luz do presente, a partir da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado, numa dialética interativo onde conteúdo da memória sejam evocados e organizados verbalmente – são tomados como objeto de estudo, o que significa dizer que elas não são reificadas, nem ignoradas ou tratadas como inverdades.

Para esse artigo, optei por dividi-lo em três tópicos assim distribuídos. No primeiro, abordo a relevância da História Oral como fonte de pesquisa. No segundo, destaco a importância da memória e do uso da metodologia da História Oral como procedimento para o trabalho do historiador no processo rememorativo como um elemento





importante para se retomar o estudo de épocas passadas. No terceiro e último tópico, apresento as considerações finais.

1. A História Oral como fonte de pesquisa e seus desafios para dar visibilidade e dizibilidade aos invisíveis da sociedade.

Segundo a historiadora Sandra J. Pesavento, em seu livro *História & História Cultural*, nos tempos míticos, *Clio*, a musa da história, era a filha diletta de *Mnemósine*, a memória, e juntas, filha e mãe, tinham como tarefa lembrar o passado. Para muitos, *Clio* supera sua mãe, pois, além do exercício de fazer lembrar, ela também tinha o dom de fixar em narrativa aquilo que criava com o seu canto. Ainda seguindo os traços de Pesavento, com o advento do tempo humano, devido a sua capacidade de registrar o passado e o poder sobre o que deve ser lembrado e celebrado, ou seja, a autoridade sobre a fala e os eventos dos homens de outro tempo, *Clio* é escolhida a rainha das ciências. Sendo descendentes de *Clio* e, por conseguinte, de *Mnemósine*, nós, historiadores, passamos a fabricar narrativas de eventos passados, criando espaços, paisagens e histórias. (CUNHA, 2012, p,11).

Uma história revelada nas suas mais íntimas memórias, as lembranças sensíveis invocam uma sintonia de sensibilidade e subjetivadas nos prismas mnemônico de representatividade. Assim o imaginário se releva na memória como digna de lembranças e percorre as narrativas conscientes daqueles que procuram rememorar o passado. Essas memórias muitas vezes invocam os dilemas sociais das camadas mais humildes e verdadeiras protagonistas da história vista de baixo, histórias que narram: dor, sofrimento angustias, alegrias, vidas, mortes e que se faz presentes nas mais íntimas memórias de pessoas que são guardiães de fragmentos de um passado importante de um lugar. Os sentimentos são subjetivados pelo ser humano, essa revelação do passado feita a luz do presente pode ser (re) memorada pelos historiadores através da metodologia da História Oral que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela, dando visibilidade e dizibilidade as pessoas que vivem à margem da história oficial, ou seja, aos invisíveis da sociedade. “A história oral devolve a história às





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmo” (THOMPSON, 1998, p, 337).

Analisando a carga de significado mnemônicos e modelos de representatividades presentes nas mais diversas abordagens da Nova História Cultural e na revolução dos conceitos de fontes históricas, dadas a partir do início do ano 1980 do século XX, temos a História Oral Temática como campo privilegiado para análise histórica, elegendo a memória como campo possível de análise do passado e passível de ser estudado.

Trabalhar com a Metodologia da História Oral é adentrar em um mundo de variáveis representações, e o historiador deve manter o compromisso de torna-se participante no processo de memorização.

A princípio recorrer as fontes orais significava mergulhar na mais pura fantasia, pois as narrativas estavam passivas de mudanças no inconsciente das pessoas, pelas quais se deixava “levar” pelo “sentimentalismo ou saudosismo desfigurando a realidade histórica.” (NAZARENO, 2011, p.38). Entretanto, as mudanças ocorridas na produção historiográfica, a partir da década de 1980, possibilitaram os historiadores enxergar o passado a partir de novas lentes de visualização, e com isso gerando novos questionamentos para (re) interpretar o passado. (SOUSA, 2016, p,2)

É nesse contexto que surge novos procedimentos metodológicos que assinalam novas formas de se trabalhar a História como Ciências, destacando métodos diversificados no trato com as fontes, e, portanto na maneira do historiador trabalhar o passado no presente. E neste contexto de crise de paradigmas de explicação que a história oral ganha terreno, e sua relevância vai além de uma mera fonte que visava “democratizar” o passado, dando voz e principalmente ouvidos aos excluídos da História.

Nesse novo caminho onde se busca resgatar uma história através de seus próprios protagonistas na possibilidade de estudo dessas memórias muitas vezes esquecidas, negligenciada ou estrategicamente excluídas, devemos buscar a contribuição de teóricos como Sandra Pasavento e sua contribuição para a Nova História Cultural enfocando a amplitude das fontes e as possíveis interpretações para os historiadores, a partir dos critérios metodológicos da História Oral Temática.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Segundo Pasavento, para que o campo da Nova História Cultural se configura-se foi necessário mudanças epistemológicos que formulasse novos olhares, surgindo conceitos que pudesse auxiliar o historiador nas interpretações históricas. Nesse sentido, os conceitos representação e sensibilidade (PESAVENTO, 2004, p,39) surgem como métodos analíticos que (re) orientam os pesquisadores as suas análises. As representações foram incorporadas a História, segundo as formulações de Mauss e Durkheim. Para Pasavento “representar é pois, fundamentalmente, está no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá uma ausência”. (Idem, p,40)

Para Roger Chartier o principal objetivo da História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 1990, p,17). As questões apresentadas pelo autor a História Cultural destacam aspectos inerentes a metodologia histórica, no trato com as fontes, sobre os significados que esta pode comportar, isto é, como o historiador pode “ler, pensar e construir” determinada realidade social em determinado período, através das análises quantitativas e qualitativas das fontes históricas. Dessa forma segundo Chartier, “a tradição do idealismo critico designa assim por forma simbólica todas as categorias e todos os processos que constroem o mundo como representação”.

Como categoria relevante para a História Cultural, as representações transformam a realidade pelas percepções, os sentimentos, no que tange aquilo que Pasavento diz portar o simbólico, isto é, “dizem mais daquilo que mostram ou enunciam carrega sentidos ocultos, que construído social e historicamente se internalizam no consciente coletivo.”

Neste caso, a História Social permite significados diversos para a pesquisa histórica uma vez que é vista como uma construção social elaborada e (re) elaborada no presente. No entanto, vale ressaltar que existe particularidades entre as fontes orais e escrita, onde ambas apresentam características autônomas e funções específicas onde somente uma ou outra pode preencher. (SOUSA, 2016, p,3).

Com relação as fontes orais o que importa são os focos e modos narrativos, bem como as relações de representatividade ali sobrepostas, importando as afirmações e as





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

aspirações, a imaginação os desejos, enfim as sensibilidades⁹⁷. Inerentes aos sujeitos que rememora seus passados vividos, com isso, busca-se captar as subjetividades presentes nas narrativas orais⁹⁸, visando estabelecer não as “verdade” dos fatos mas as relações de verdades presentes nas construções mnemônicas desses fatos.

Neste caso, para que as relações de representatividade ocorram é necessária certa aproximação entre sujeito investigado e investigador, objetivando captar os graus de subjetividade presentes nas memórias dos indivíduos. Assim os “conteúdos das fontes orais depende do que os entrevistadores põem em torno das questões, diálogos e relações pessoais” os entrevistadores, pois, tem o poder de manifestar as questões, mas está sobre a figura do narrador a constituição das representações destas questões, e estas ditas questões são plurais e metafórica. A problemática apresentada por Sandra Pasavento refletem os critérios metodológico da história oral, uma vez que o historiador deve refletir nas circunstancias da composição mnemônica, enfatizando aspectos jugados como fatores que comportam significados, mesmo que não estejam atrelados a uma ‘verdade’ dos fatos.

A pessoa, no ato de recordar, “constrói sua própria realidade tendo como ponto de partida aquilo que de fato viveu, todavia, sua recordação esta coadunada com aspectos que foram e estão sendo vivenciados a posteriori, de forma híbrida, onde a relação passado e presente estão indissociáveis, fundidas e diretamente ligada ao social e ao indivíduo ao mesmo tempo.” (SOUSA, 2016, p,5).

2. A metodologia da História Oral como princípio, e a importância da memória na construção da história do tempo presente.

⁹⁷ - Alguns historiadores criticam a História Oral quando argumentam existir “distorções” inerentes a arte de rememorar o passado. Todavia, as dimensões alcançadas apontam que distorções em vez de serem problemas tornam-se um recurso para a interpretação histórica. Ver THOMSON, Alistair, FRISCHI, Michael e HAMILTON Paula. **Os debates sobre Memória e História: alguns aspectos internacionais.**

⁹⁸ O bairro da Liberdade localizado na Zona Sul da cidade de Campina Grande, foi fundado nos primeiros anos do século XX, e teve um maior desenvolvimento a partir dos anos de 1930 com o crescimento populacional da cidade, porém melhorias de caráter estrutural como chegada de água e luz elétrica só apareceram no bairro no final da década de 1950. Para mais informações sobre o bairro da Liberdade vê PORTELA, Daniella Karla. **Quando o apito tocava no bairro da Liberdade: Memórias e representações na SANBRA.** 2013. Dissertação (Mestrado em Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A História pode (e deve?!) se encarregar do estudo das sensibilidades, das emoções, dos gestos, para narrar os acontecimentos trágicos e alegres que, muitas vezes, desviam o seu curso. À vista disso, as sensibilidades são mais sentidas do que ditas, ou seja, são mais subjetivadas. Já as subjetividades, por sua vez, são pensadas a partir de Michel Foucault em uma (re) leitura feita por Hélio Rebello sobre a subjetividade em Foucault, o autor diz que ela seria “[...] a expressão do que em nós, em nosso núcleo de subjetividade, se relaciona com as coisas, com o mundo, por isso envolve uma relação com o tempo...”, é “[...] uma expressão de nossa relação com as coisas, através da história...” e da memória. No entanto, quando esses acontecimentos encontram-se na “ordem do dia”, isto é, quando ainda estão se desenvolvendo, o quê fazer?

Esse é um dos problemas da História do tempo presente, a sua construção está em andamento, não se conhece o seu fim, nem tampouco, suas consequências – “[...] o historiador do tempo presente sabe [...] que o seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los...”, observando, ao vivo, o desenrolar de práticas de espaço, de fragmentos de narrativas que, com seus corpos e sensibilidades, constroem historicidades. (CUNHA, 2012, p.15).

Todavia, essa contemporaneidade com os acontecimentos e os sujeitos trabalhados por essa História do tempo presente permite (re) formular os procedimentos metodológicos, assim como, o acesso às fontes orais da história leva ao “[...] encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra a vida...”

Por isso, ponto central importante quando se trabalha com a História Oral se refere as entrevistas e forma como se colhe os depoimentos, vários autores da História Oral tem destacado a relevância da qualidade da relação que se constrói entre pesquisador e pesquisado. O Sucesso das entrevistas inicia bem antes dela começar, quando é feita a preparação para sua realização quando ocorre o contato e um compartilhamento da realidade a ser enfocada entre pesquisador e o sujeito a ser entrevistado, nesse sentido Thompson, considera que “ Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles: capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar”. (THOMPSON, 1998, p. 254).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Na entrevista há sim uma trocas de experiências e aproximação entre ouvinte e narrador, mesmo ambos tendo diferentes interesses em uma entrevista. Ao narrador interessa ouvir e registrar a narrativa, seu objeto de estudo, ao pesquisado interessa narrar aquilo que lhe é significativo. Entretanto, entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. (BOSI, 1994, p, 90).

É relevante destacar também que um dos objetos mais estudados nas últimas décadas pelos historiadores foi a memória, tanto individual quanto coletiva, cujos mecanismos são fundantes para a construção das subjetividades das pessoas na qual se busca representar na escrita. Concernente à memória individual desses sujeitos, Fernando Cartroga afirma que ela [...] é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito... (Cartroga, 2001, p, 16).

Elemento fundamental ao trabalho que toma a metodologia da História Oral como princípio, é a relevância da memória nesse processo de propor aos sujeitos a retomada do passado, mesmo que recente. A memória aqui é compreendida como trabalho, tal como Bosi (1995) a define, isto é, o processo de rememoração exige daquela que recordar um re-fazer, exige uma recuperação do passado a partir do que foi vivido, até o mesmo presente. (ALVES, 2016. P, 05).

Dessa forma, Bosi acredita que a memória demanda uma reelaboração do presente para que possa ser evocada e assumida. Por essa razão também, a rememoração é tomada como uma situação de reflexão, de novas formulações sobre o narrado, possibilitando, com isso, a quem fala, uma oportunidade de refletir sobre si mesma. Assim a metodologia da História Oral toma o processo rememorativo como um elemento importante para se retomar o estudo de épocas passadas.

Portanto, A memória individual é construída, assim, a partir de um procedimento relacional com as memórias alheias, dito de outra forma, a memória, enquanto





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

subjetividade, é construída na relação com o outro, com as coisas e com o mundo. Nesse sentido, não pode ser tomada como a representação da coletividade, mas, como uma perspectiva desse coletivo.

Considerações finais

Acredito que este artigo apresenta alguns aspectos relevantes sobre a importância da História Oral, na busca por uma metodologia de pesquisa onde se propõem ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela, dando visibilidade e dizibilidades aos invisíveis da sociedade. Assim, a pesquisa através da oralidade se constitui como novas abordagens, novas fontes – os relatos orais oportuna no diálogo com pessoas, levando a percepção da história de vida e das memórias de sujeitos anônimas e esquecidas pela historiografia oficial.

As narrativas pessoais são resultados de um trabalho rememorativo feito a luz do presente, a partir da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado, numa dialética interativo onde conteúdo da memória sejam evocados e organizados verbalmente – são tomados como objeto de estudo, o que significa dizer que elas não são reificadas, nem ignoradas ou tratadas como inverdades.

Dessa forma, vemos que a oralidade se compõe como um campo rico e diversificado para novas abordagens na historiografia atual, o estudo das sensibilidades, das representações, abre possibilidade para que a pesquisa gerada de oportunidade às vozes anônimas e à construção de novos conhecimentos. Oportuniza a validação de um senso comum, na medida em que coleta depoimentos e dá espaço para as representações sociais

Enfim, nos revela uma história revelada nas suas mais íntimas memórias, nas lembranças sensíveis que invocam uma sintonia de sensibilidade e subjetivadas no prisma mnemônico de representatividade. Assim o imaginário se releva na memória como digna de lembranças e percorre as narrativas conscientes daqueles que procuram rememorar o passado. Essas memórias muitas vezes invocam os dilemas sociais das camadas mais humildes e verdadeiras protagonistas da história vista de baixo.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Os novos desafios dos historiadores que utilizam a oralidade como fontes, são imensos e desafiador, da visibilidade e escuta aos narradores provoca a deshierarquização dos sujeitos e das próprias fontes. (SILVA,2017).

No entanto, primar por uma metodologia de pesquisa onde se propõem ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela, dando visibilidade e dizibilidade aos invisíveis da sociedade é um desafio prazeroso. Sendo assim, as vozes da memória são essenciais para a produção de novas fontes históricas (orais), relevante para a construção das fontes de informação e para a construção do saber histórico. (FUNARI, 2003).

Bibliografia

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira, IV Semana de História do Pontal – III Encontro de Ensino de História: **POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA NA PESQUISA E No Ensino de História**. ISSN: 2179-5665. UFU, Dezembro de 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: companhia das Letras, 1995.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. **Para que serve uma Subjetividade?** Foucault, tempo e corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, p. 345.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, Coleção Memória e Sociedade, 1990.

_____. **A visão do historiador modernista**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

CUNHA, Inairan Cristino. **Trabalhadores de sonho e de pó: garimpando histórias, extraindo subjetividades e lavrando sensibilidades nas banquetas de caulim em Junco do Seridó – Paraíba** / Inairan Cristino Cunha.- Campina Grande, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19.ed. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão et. all. 5.ed.4.Reimpressão. Campina-SP: Editora da Unicamp, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2.ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

_____. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist. v.27, n.53, São Paulo, jan./jun. 2007. ISSN 0102-0188 (*versão impressa*)

PORTELLI, Alessandro. **O que fez a História Oral diferente?** Projeto História, vol 1, nº 14, p, 25-39. São Paulo, 1997.

SILVA, Keila Queiros e. **Os bairros dizem a cidade: o Mapeamento do Patrimônio Cultural dos “outros” Moradores urbanos**. Mnemosine Revista. Vol.8, n.4, outubro/dezembro 2017.4

SOUZA, Bartolomeu Humberto de. **Memórias Flageladas; A construção das secas no Cariri cearense (1958-1970)** / Bartolomeu Humberto de Souza, João Pessoa, 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

